

salvação mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*Guardai-vos dos falsos profetas,
que vos aparecem disfarçados de ovelhas,
mas que por dentro são lobos vorazes.*

S ã O M A T E U S 7 : 1 5



A fé que vê através da morte.
WILLIAM WORDSWORTH

C A P Í T U L O 1



Na missa fúnebre, o padre colocou a hóstia e o vinho tinto barato sobre o corporal de linho que cobria o altar. Tanto a patena como o cálice eram de prata. Tinham sido oferecidos pelo homem que estava no caixão coberto de flores pousado junto aos dois degraus gastos que separavam o padre da congregação.

O defunto vivera 116 anos. E vivera todos os seus dias como um católico fiel. A sua mulher morrera apenas dez meses antes, e ele chorara-a cada dia desses dez meses.

Agora, os seus filhos, netos, bisnetos e trinetos enchiam os bancos da velha igreja em Spanish Harlem. Muitos viviam na paróquia, e muitos mais tinham ali voltado para o funeral, para lhe prestar homenagem. Assistiam à cerimónia os seus dois irmãos ainda vivos, assim como primos, sobrinhos, amigos e vizinhos; os vivos enchiam os bancos, as naves e o vestíbulo, para honrar o morto com aquele rito antigo.

Hector Ortiz fora um homem bom, que tivera uma vida feliz. Morrera tranquilamente na sua cama, rodeado de fotografias da família e das muitas imagens de Jesus, Maria e do seu santo predileto, Lourenço. São Lourenço fora um mártir, torturado até à morte numa grelha, e, em jeito de ironia, tornara-se o santo padroeiro dos cozinheiros.

Hector Ortiz seria lembrado com saudade; a sua partida seria sentida. Mas a vida longa, feliz e a morte fácil davam um tom de paz e aceitação à missa fúnebre — e aqueles que choravam faziam-no mais por si do que pelo defunto. A fé, pensou o padre, deixava-os tranquilos quanto

à salvação de Hector Ortiz. E enquanto realizava o ritual tão familiar, o sacerdote percorria as caras dos enlutados, que esperavam que ele os conduzisse naquele tributo final.

O cheiro das flores, do incenso e da cera fumegante das velas misturava-se no ar, uma fragrância mística. O cheiro do poder e da presença.

O padre curvou solenemente a cabeça sobre os símbolos da carne e do sangue, depois lavou as mãos.

Conhecera Hector, e ouvira-lhe a confissão — a sua última confissão, afinal — havia apenas uma semana. Assim, pensava o Pe. Flores para consigo, enquanto os presentes se levantavam, aquela penitência fora a última que Hector tivera.

Flores disse aos presentes, e eles murmuraram-lhe de volta, as palavras familiares da Oração da Eucaristia, até ao hino.

— Santo, santo, santo é o Senhor, Deus Todo-Poderoso.

Aquelas palavras, e as seguintes, foram cantadas, uma vez que Hector apreciara a música de missa. As vozes subiram juntas, entrelaçando-se no ar impregnado de perfume mágico. A congregação ajoelhou-se — o choro inquieto de um bebé, uma tosse seca, um roçar, sussurros — para a consagração eucarística.

O padre aguardou que se fizesse silêncio. Esperou pelo momento.

Invocou o poder do Espírito Santo para transformar a hóstia e o vinho no corpo e no sangue de Cristo. E prosseguiu, conforme o rito, como representante do Filho de Deus.

Poder. Presença.

E sob o olhar do Cristo crucificado atrás do altar, Flores sentiu que era ele que agora detinha aquele poder. Aquela presença.

— Tomai todos, e comei: isto é o meu Corpo — disse, erguendo a hóstia —, que será entregue por vós.

Os sinos tocaram, as cabeças curvaram-se.

— Cristo morreu, Cristo ressuscitou, Cristo regressará.

Oraram, e o padre desejou-lhes paz. Saudaram-se na paz de Cristo. E de novo, erguendo a voz, cantaram «Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós», enquanto o padre partia a hóstia e colocava um pedaço no cálice. Os acólitos avançaram, parando junto do altar enquanto o padre levava o cálice aos lábios.

Bebeu o sangue, e no instante seguinte estava morto.

A igreja de St. Cristóbal em Spanish Harlem curvava-se silenciosamente entre uma mercearia e uma casa de penhores. Tinha um pequeno campanário cinzento e estava inocente dos grafítis que rotulavam os seus vizinhos. Lá dentro cheirava a velas, flores e verniz de mobília. O tipo de cheiro que caracterizaria uma boa casa suburbana.

Foi, pelo menos, o que ocorreu à tenente Eve Dallas enquanto percorria a nave formada por filas de bancos. À frente, um indivíduo de camisa preta, calças pretas e colarinho branco estava sentado de cabeça curvada e mãos cruzadas.

Eve não sabia se o homem estava a rezar ou simplesmente à espera, mas ele não era a sua prioridade. Contornou o caixão reluzente quase enterrado em cravos vermelhos e brancos. O tipo morto lá dentro também não era a sua prioridade.

Eve pegou no gravador, mas quando ia subir os dois pequenos degraus para a plataforma onde ficava o altar — e onde estava a sua prioridade —, Peabody puxou-lhe o braço.

— Hum, acho que é suposto ajoelharmo-nos.

— Nunca me ajoelho em público.

— Não, a sério. — Os olhos escuros de Peabody percorreram o altar, as imagens. — Ali em cima é chão sagrado, ou algo assim.

— Engraçado, a mim parece-me um tipo morto.

Eve subiu os degraus. Atrás dela, a sua parceira deu um saltinho com uma só perna, antes de a seguir.

— A vítima foi identificada como Miguel Flores, 35 anos de idade, sacerdote católico — começou Eve. — O corpo foi deslocado — disse, com um relance para um dos agentes que vigiavam o local.

— Sim, tenente. A vítima caiu durante a missa, e tentaram reanimá-la enquanto esperavam pela ambulância. Estavam dois agentes a assistir ao funeral. Ao funeral daquele tipo — acrescentou, apontando o caixão com o queixo. — Afastaram as pessoas, isolaram a vítima. Estão à espera para falar consigo.

Tendo protegido as mãos e os pés antes de entrar, Eve agachou-se.

— Precisamos das impressões digitais, da hora da morte, e de tudo o resto, para ficar registado, Peabody. E, para que fique registado, as bochechas da vítima estão bem rosadas. Lesões faciais, têmpora esquerda e maçã do rosto, provavelmente provocadas pela queda.

Ergueu os olhos, reparou no cálice de prata sobre o linho branco manchado. Levantou-se, aproximou-se do altar, cheirou o cálice.

— Ele bebeu daqui? O que estava a fazer quando caiu?

— Estava a comungar — respondeu o homem sentado no banco da frente, antes que o agente pudesse responder.

Eve contornou o altar.

— Trabalha aqui?

— Sim. Esta é a minha igreja.

— Sua?

— Sou o sacerdote. — Pôs-se de pé, um homem compacto e musculoso, com olhos tristes, sombrios. — Pe. López. O Miguel estava a celebrar a missa do funeral, e estava a comungar. Bebeu e, quase de seguida, sofreu uma convulsão. Teve espasmos, começou a arquejar. E caiu. — López falava com um ligeiro sotaque, um brilho exótico sobre madeira áspera. — Estavam aqui médicos e outras pessoas ligadas à saúde, e tentaram reanimá-lo, mas já não havia nada a fazer. Um deles disse que devia ser veneno. Mas não acredito que possa ser.

— Porquê?

López ergueu as mãos, simplesmente.

— Quem iria envenenar um padre desta maneira, e numa altura destas?

— De onde veio o vinho? O que está no cálice.

— Temos o vinho da Comunhão trancado no tabernáculo, na antecâmara.

— Quem tem acesso?

— Eu. O Miguel, o Martin... isto é, o Pe. Freeman... os acólitos que participam na missa.

Muitas mãos, pensou Eve. Para quê darem-se ao trabalho de usar uma fechadura?

— Onde estão eles?

— O Pe. Freeman foi visitar a família a Chicago, e deve regressar amanhã. Temos... hoje tivemos três acólitos, porque esperávamos muita gente na missa fúnebre.

— Vou precisar dos nomes.

— Certamente não imagina que...

— E isto?

Ele empalideceu quando Eve pegou no pires de prata com a hóstia.

— Por favor. Por favor. Está consagrada.

— Lamento, agora constitui prova. Falta um pedaço. Ele comeu-o?

— Parte-se um pequeno pedaço, que é colocado no vinho para o rito eucarístico da fração. Ele deve tê-lo ingerido com o vinho.

— Quem pôs o vinho no copo e a... — Que raio havia de chamar àquilo? Biscoito? Bolacha?

— A hóstia — disse López. — Ele. Mas fui eu que deitei o vinho no cálice e que deixei a hóstia para o Miguel antes da consagração. Fi-lo pessoalmente, como sinal de respeito pelo Sr. Ortiz. Foi o Miguel a celebrar a missa, a pedido da família.

Eve inclinou a cabeça.

— Não quiseram o responsável pela igreja? Não me disse que era a sua igreja?

— Sou sacerdote, sim. Mas sou novo aqui. Só fiquei com esta paróquia há oito meses, quando o monsenhor Cruz se reformou. O Miguel está cá há mais de cinco anos, e casou dois dos netos do Sr. Ortiz, celebrou a missa do funeral da Sr.^a Ortiz há cerca de um ano. Batizou...

— Só um minuto, por favor.

Eve voltou-se para Peabody.

— Peço desculpa por interromper, Sr. Padre — disse Peabody, e voltou-se para Eve. — A identidade confirma-se. A hora da morte bate certo. Bebe, convulsão, cai, morre, bochechas vermelhas. Cianeto?

— Parece-me um bom palpite. Vamos esperar que o Morris confirme. Sela o copo e a bolacha. Ouve o depoimento de um dos agentes que testemunharam a ocorrência. Eu falo com o outro, depois de o López me mostrar donde vieram o vinho e a outra coisa.

— Libertamos o outro morto?

Eve franziu o sobrolho para o caixão.

— Já esperou tanto, pode esperar mais um pouco. — Voltou-se de novo para López. — Preciso de ver onde guardam os... — Aperitivos? — O vinho e as hóstias.

Anuindo, López fez-lhe sinal para o seguir. Afastando-se do altar, conduziu Eve através de uma porta. A sala adjacente tinha uma parede revestida de armários, e uma mesa onde estava uma caixa alta, com uma cruz esculpida. López tirou uma chave do bolso das calças e abriu a porta da caixa.

— Isto é o tabernáculo — explicou. — Guardamos aqui vinho e hóstias não consagrados. Temos uma reserva maior naquele primeiro armário, que também está trancado.

A madeira estava envernizada, reparou Eve, e reteria impressões digitais. A fechadura era básica.

— Foi deste decantador que serviu o vinho?

— Sim. Verti-o para o cálice, e levei a hóstia. Levei-os ao Miguel no início da liturgia eucarística.

Um líquido arroxeadado enchia até meio o decantador transparente.

— Alguma das substâncias lhe saiu das mãos, ou ficou sem vigilância, antes disso?

— Não. Fui eu que as preparei, ficaram sempre comigo. Proceder de outra forma seria falta de respeito.

— Tenho de as levar como provas.

— Compreendo. Mas o tabernáculo não pode sair da igreja. Por favor, se tiver de o examinar, pode fazê-lo aqui? Peço desculpa — acrescentou. — Não lhe perguntei o seu nome.

— Tenente Dallas.

— Não é católica.

— Dá para perceber?

Ele esboçou um pequeno sorriso, mas a tristeza não lhe deixou os olhos.

— Não está familiarizada com as tradições e os ritos da Igreja, e alguns deles podem parecer-lhe estranhos. Está convencida de que alguém adulterou o vinho ou a hóstia.

Eve manteve a cara e a voz inalteradas.

— Ainda não estou convencida de nada.

— Se foi o que aconteceu, alguém usou o sangue e o corpo de Cristo para matar. E eu levei o vinho e a hóstia ao Miguel. Pu-los nas suas mãos.

— Sob a tristeza nos olhos do padre, Eve viu as brasas da raiva. — Deus há de julgá-los, tenente. Mas eu acredito tanto nas leis humanas como nas de Deus. Faça o que for preciso para a ajudar no seu trabalho.

— Que tipo de padre era o Flores?

— Um bom padre. Solidário, dedicado, eh, enérgico, diria eu. Gostava de trabalhar com jovens, e era especialmente bom nesse trabalho.

— Algum problema, recentemente? Depressão, ansiedade?

— Não. Não. Eu teria percebido. Ter-me-ia dado conta. Vivemos juntos, os três, na reitoria, atrás da igreja. — Fez um gesto vago, como se tivesse a mente ocupada com uma dúzia de outros pensamentos. — Comemos juntos quase diariamente, falamos, debatemos, rezamos. Se ele estivesse perturbado, eu teria percebido. Se pensa que ele pode ter

acabado com a própria vida, garanto-lhe que não o fez. E nunca o faria desta maneira.

— Sabe se ele tinha problemas com alguém? Alguém que lhe guardasse rancor, ou que tivesse tido um desentendimento com ele, de natureza profissional ou não?

— Ele não mencionou nada e, como lhe disse, falávamos todos os dias.

— Quem sabia que seria ele a encarregar-se do funeral hoje?

— Toda a gente. O Hector Ortiz era uma figura conhecida na paróquia. Um homem estimado e respeitado. Toda a gente sabia da missa, e que seria o Miguel a celebrá-la.

Enquanto escutava, Eve atravessou a sala e abriu uma outra porta. A luz de maio inundou a divisão. A porta tinha uma fechadura, quase tão simples como a da caixa de madeira.

Era fácil entrar e sair.

— Hoje realizaram-se mais missas? — perguntou a López.

— Temos a missa das seis da manhã, nos dias úteis. Fui eu que a celebrei.

— E o vinho e a hóstia vieram da mesma reserva?

— Sim.

— Quem lhos trouxe?

— O Miguel. É uma cerimónia pequena, geralmente para uma dúzia de pessoas, talvez duas. Hoje esperávamos pouca gente, porque muitos paroquianos viriam à missa do funeral.

Alguém entra, refletiu Eve, assiste à missa. Vai às traseiras, envenena o vinho. Vai-se embora.

— Quantas pessoas estiveram na missa da manhã?

— Na missa da manhã? Eh... Oito ou nove. — Fez uma pausa, e Eve calculou que ele estivesse a tentar lembrar-se, a contar cabeças. — Sim, nove.

— Vou precisar dessa lista, também. Alguma cara desconhecida?

— Não, conheço todas as pessoas que estiveram presentes. Era um grupo pequeno, como disse.

— E, para além de si, só cá estava o Flores. Ninguém a auxiliá-los.

— Na missa das seis, não. Não costumamos ter acólitos na missa dos dias úteis, exceto durante a Quaresma.

— Bem, gostava que escrevesse tudo aquilo de que se recordar: os movimentos e as atividades da vítima... do Flores... esta manhã, e as horas.

— Vou já tratar disso.

— Tenho de isolar esta sala, como parte da cena do crime.

— Oh. — A preocupação veio-lhe ao rosto. — Sabe durante quanto tempo?

— Não, não sei. — Eve sabia que o tom fora brusco, mas algo naquela... santidade a deixava impaciente. — Será mais fácil se me der as suas chaves. Quantos conjuntos tem?

— Este, e um conjunto na reitoria. Vou precisar da minha chave da reitoria. — López tirou uma única chave e deu as restantes a Eve.

— Obrigada. Quem era o Ortiz e como foi que morreu?

— O Sr. Ortiz? — Um sorriso, mais caloroso, chegou-lhe aos olhos. — Uma figura importante na comunidade, e nesta paróquia, como lhe disse. Era dono de um restaurante familiar a poucos quarteirões daqui. O Abuelo's. Foi ele que o geriu, segundo me disseram, com a mulher até há cerca de dez anos, altura em que um dos filhos e a neta ficaram à frente do negócio. O Sr. Ortiz tinha 116 anos, e morreu tranquilamente, e espero que sem dor, durante o sono. Era um bom homem, e muito estimado. Acredito que já esteja nas mãos de Deus.

Tocou com as pontas dos dedos a cruz que trazia ao peito.

— A família está perturbada com o que aconteceu esta manhã, naturalmente. Se eu pudesse contactá-los, para completarmos a missa e comungarmos... Não aqui — acrescentou López, antes que Eve pudesse falar. — Eu entraria em contacto com outra igreja, mas eles precisam de se despedir do pai, do avô, do amigo. Precisam de completar o ritual. E o Sr. Ortiz deve ser respeitado.

Eve sabia bem o que era o dever para com os mortos.

— Agora preciso de falar com outra pessoa. Vou tentar acelerar as coisas. E preciso que espere por mim na reitoria.

— Sou suspeito. — A ideia não parecia abalá-lo ou surpreendê-lo. — Dei ao Miguel o que poderá ter sido a arma que o matou.

— Exato. E, neste momento, todos os que entraram na igreja e tiveram acesso a esta sala são suspeitos. O Hector Ortiz está ilibado, mas é o único.

Ele sorriu de novo, só um pouco.

— Talvez possa esquecer os bebés e as crianças até aos dois anos, e já reduz bastante a sua lista.

— Não sei. As crianças de dois anos são muito suspeitas. Vamos precisar de ver o quarto do Flores na reitoria. Logo que possível, darei ordem para retirarem o Sr. Ortiz do local.

— Obrigado. Fico à sua espera em casa.

Eve acompanhou-o à saída, trancou a porta, depois pediu ao agente mais próximo para chamar o segundo polícia que testemunhara o sucedido.

Enquanto esperava, rodeou mais uma vez Flores. Um indivíduo atraente, disse para consigo. Cerca de metro e oitenta de altura... era difícil perceber o tipo de corpo, com aquelas roupas estranhas, mas Eve vira a sua ficha de identificação. Pesava 72 quilos, por isso estava em forma.

Tinha traços regulares, muito cabelo escuro com alguns reflexos de prata pelo meio. Mais atraente do que López. Mais magro, mais jovem.

Devia haver padres de todos os tamanhos e feitios, pensou Eve, como acontecia com as pessoas normais.

Não era suposto os padres serem sexualmente ativos. Eve precisaria que alguém lhe explicasse a origem dessa regra, se achasse que tinha interesse para o caso. Alguns padres também ignoravam a regra, e divertiam-se, como as pessoas normais. Talvez Flores não gostasse do celibato?

Quem gostava?

Talvez se tivesse metido com a pessoa errada. Uma amante zangada ou um marido zangado. Trabalhava especialmente bem com jovens, lembrou-se Eve. Talvez gostasse de tentar a sua sorte com menores. Um pai vingativo.

Ou...

— Tenente Dallas?

Ao virar-se, Eve deparou-se com uma mulher atraente, vestida de preto discreto. Só podia descrevê-la como pequena, já que teria pouco mais de um metro e sessenta, com os seus sapatos pretos de salto alto. O cabelo também era preto como azeviche, e estava apanhado atrás num carrapito sóbrio. Tinha uns olhos enormes, amendoados, de um verde chamejante.

— Graciela Ortiz. Agente Ortiz — acrescentou, quase como se se tivesse lembrado de repente.

— Agente. — Eve desceu do altar. — É parente do Sr. Ortiz.

— O meu bisavô.

— Lamento a sua perda.

— Obrigada. Ele teve uma vida longa e feliz. Agora está com os anjos. Mas o Pe. Flores...

— Não acha que ele esteja com os anjos?

— Espero que sim. Mas não teve uma vida longa, nem morreu

tranquilamente na sua cama. Eu nunca tinha visto uma morte assim. — Respirou fundo, estremeceu. — Devia ter agido mais depressa, para preservar o local. Eu e o meu primo... o Matthew está nos Estupecientes... devíamos ter agido mais depressa. Mas eu estava mais perto. O Matt estava ao fundo da igreja. Pensei... todos pensámos... que o Pe. Flores tivesse tido um ataque. O Dr. Pasquale e o meu tio, que também é médico, tentaram socorrê-lo. Aconteceu tudo tão depressa. Em minutos. Três, quatro, no máximo. Então, mexeram no corpo, e a cena do crime foi comprometida. Lamento.

— Conte-me o que aconteceu.

Graciela narrou os acontecimentos, descreveu a cena como López fizera.

— Conhecia o Flores?

— Sim, um pouco. O meu irmão casou-se com ele. Quero dizer, ele celebrou o casamento do meu irmão. E trabalhava no centro de jovens, assim como eu, quando posso, por isso conhecia-o de lá.

— Impressões?

— Sociável, interessado. Parecia ter afinidade com os miúdos de rua. Eu pensava que ele talvez tivesse tido um passado semelhante.

— Ele mostrava interesse em algum miúdo, ou miúdos, em particular?

— Não, que eu tenha reparado. Mas não me encontrava lá com ele muitas vezes.

— Alguma vez se atirou a si?

— Atirar... Não. — Graciela pareceu chocada, depois pensativa. — Não, nada disso, nem nunca tive a sensação de que algo do género lhe passasse pela cabeça. E nunca ouvi dizer que ele tivesse quebrado esse voto em particular.

— Seria de esperar que ouvisse?

— Não sei, mas a minha família... que é numerosa... está muito envolvida na igreja, e esta é a nossa paróquia. Se ele se atirasse a alguém, é bem provável que essa pessoa fosse minha parente ou tivesse alguma relação com a família Ortiz. E os rumores correm depressa na família. A minha tia Rosa faz a limpeza da reitoria e não há muita coisa que lhe escape.

— Rosa Ortiz.

— O'Donnell. — Graciela sorriu. — Vamos mudando de nome. Foi homicídio, tenente?

— Para já, é uma morte suspeita. Seria bom que falasse com os seus familiares, que ouvisse as suas impressões.

— Ninguém vai falar em mais nada durante dias — comentou Graciela. — Vou ver o que consigo saber daqueles que o conheciam melhor do que eu.

— Está bem. Vou permitir que levem o seu bisavô do local. A Graciela e o seu primo deviam encarregar-se disso logo que tenham permissão.

— Ficamos-lhe gratos.

— Qual é a sua esquadra?

— Estou na 223, aqui, em East Harlem.

— Há quanto tempo está na Polícia?

— Há quase dois anos. Pensava que queria ser advogada, depois mudei de ideias.

E talvez mudasse de novo, pensou Eve. Não via uma polícia naqueles olhos verdes chamejantes.

— Vou chamar a minha parceira, e vamos libertar o caixão. Se lhe ocorrer algum pormenor em relação ao Flores, pode contactar-me...

— Na Central de Polícia — concluiu Graciela. — Eu sei.

Enquanto a agente saía, com os seus saltos altos de funeral a tinirem contra o chão, Eve observou mais uma vez a cena do crime. Era muita morte para uma igreja pequena como aquela. Um morto no caixão, outro no altar, e um terceiro a olhá-los daquela cruz enorme.

Um morre durante o sono, depois de uma vida longa, outro morre depressa — e o último leva pregos nas mãos e nos pés para o pendurarem numa cruz.

Deus, padre e devoto, pensou ela. A seu ver, Deus tivera a pior sorte.

— Não consigo decidir — disse Peabody quando contornavam a reitoria — se as imagens, as velas e os vitrais são realmente bonitos ou realmente arrepiantes.

— As imagens parecem-se demasiado com bonecas, e as bonecas são arrepiantes. Uma pessoa está sempre à espera de as ver piscar os olhos. E as que sorriem, assim. — Eve apertou os lábios e esboçou um sorriso. — Sabemos que têm dentes lá dentro. Dentes grandes, reluzentes e afiados.

— Eu não sabia. Mas agora tenho de me preocupar com isso.

O edifício pequeno e modesto onde ficava a reitoria tinha flores num par de floreiras penduradas na janela — e, como Eve reparou, segurança mínima. Uma fechadura comum, as janelas floridas abertas para o ar de primavera, e nenhum leitor biométrico, nenhuma câmara de segurança.

Eve bateu à porta e aguardou. Trazia umas calças simples sobre as pernas altas e umas botas de aspeto usado. O *blazer* cinzento-claro que vestira nessa manhã cobria-lhe o coldre da arma. A brisa fresca sacudia-lhe o cabelo castanho curto. Tal como as pernas, os seus olhos eram longos, e castanhos como uísque. Não chamejavam como os olhos de Graciela — eram olhos de polícia.

A mulher que abriu a porta tinha uma explosão de caracóis escuros com pontas douradas a emoldurar-lhe a cara bonita. Os seus olhos raia-dos de vermelho pousaram em Eve, depois em Peabody.

— Lamento, o Pe. López hoje não está capaz de receber visitas.

— Tenente Dallas, NYPSD¹. — Eve mostrou o seu distintivo. — E inspetora Peabody.

— Ah, claro. Desculpem-me. O Sr. Padre disse que estava à vossa espera. Façam o favor de entrar.

Deu um passo atrás. Trazia um cravo vermelho preso à lapela do fato de luto preto, que lhe cobria o corpo elegante e curvilíneo.

— É um dia terrível para a paróquia, para a minha família. Chamo-me Rosa O'Donnell. O meu avô... era a missa do funeral dele. O Sr. Padre está no escritório. Deu-me isto para vos entregar. — Estendeu-lhes um envelope. — Pediram-lhe que escrevesse o que o Pe. Flores fez hoje.

— Sim, obrigada.

— Fiquei de avisar o Sr. Padre se quisessem falar com ele.

— Não será preciso, por agora. Pode dizer-lhe que libertámos o Sr. Ortiz. Eu e a minha parceira temos de ver o quarto do Pe. Flores.

— Eu acompanho-as lá acima.

— Cozinha para a reitoria — começou Eve quando se dirigiam do vestíbulo minúsculo para a escada.

— Sim, e limpo a casa. Faço um pouco de tudo. Três homens, mesmo padres, precisam que cuidem das suas coisas.

A escada subia a direito até um corredor estreito. As paredes brancas estavam adornadas, aqui e ali, com crucifixos ou imagens de pessoas que envergavam mantos e tinham um olhar benigno ou, na opinião de Eve, pesaroso. E às vezes irritado.

— Conhecia o Pe. Flores — disse Eve, incitando Rosa a falar.

¹ Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, do original *New York Police and Security Department*. (N. de T.)

— Muito bem, acho eu. Quando uma pessoa cozinha para um homem e lhe limpa a casa, acaba por saber quem ele é.

— Quem era ele?

Rosa parou junto a uma porta, suspirou.

— Um homem de fé, e com sentido de humor. Gostava de desporto, de ver e de praticar. Tinha energia — decidiu ela. — E dava muito de si ao centro de jovens.

— Como era o relacionamento dele com os seus colegas de apartamento? Com os outros padres — acrescentou Eve, vendo que Rosa não percebera.

— Muito bom. Havia respeito entre ele e o Pe. López, e eu diria que tinham uma relação amistosa. Uma relação tranquila, se é que me entende.

— Sim.

— Era mais amigo, bem, mais próximo do Pe. Freeman... tinham mais em comum. Para além da Igreja, diria eu. Desporto. Ele e o Pe. Freeman falavam de desporto, como é costume dos homens. Iam ver jogos juntos. Corriam juntos quase todas as manhãs e jogavam à bola no centro.

Rosa suspirou de novo.

— O Pe. López está neste momento a contactar o Pe. Freeman, para lhe dar a notícia. É muito difícil.

— E a família do Flores?

— Ele não tinha família. Costumava dizer que a Igreja era a sua família. Penso que os pais dele morreram quando ele era ainda rapaz. — Abriu a porta. — Nunca recebia chamadas nem cartas de família, como o Pe. López e o Pe. Freeman recebem, muitas vezes.

— E outras chamadas, outras cartas?

— Desculpe?

— Com quem é que ele se relacionava? Amigos, professores, antigos colegas.

— Eu... não sei. — As sobrancelhas de Rosa uniram-se. — Ele tinha muitos amigos na paróquia, claro, mas se se refere a pessoas de fora da paróquia, ou do seu passado, não lhe sei dizer.

— Notou algo de invulgar, no estado de espírito ou na rotina dele, recentemente?

— Não, nada. — Rosa abanou a cabeça. — Esta manhã vim preparar-lhes o pequeno-almoço, a ele e ao Pe. López, antes do funeral. Ele foi muito amável.

— A que horas chegou aqui?

— Eh... por volta das seis e meia, uns minutos depois.

— Estava cá mais alguém?

— Não. Entrei sozinha. Tenho uma chave, mas, como é hábito, o Pe. López tinha-se esquecido de trancar a porta. Os padres voltaram da missa pouco depois, e servi-lhes o pequeno-almoço. Falámos sobre o funeral, depois o Pe. Flores foi para o escritório preparar o seu sermão.

Rosa levou os dedos aos lábios.

— Como pôde acontecer uma coisa destas?

— É o que vamos descobrir. Obrigada — disse Eve, em jeito de despedida, antes de entrar no quarto.

No interior encontrou uma cama estreita, uma pequena cómoda e um espelho, uma mesa de cabeceira, uma secretária. Não havia *link* fixo, nem computador. A cama parecia bem feita, e na parede, sobre a cabeceira, estava uma imagem de Cristo na cruz pendurada junto a um crucifixo. Eve achou aquilo excessivo.

Não havia fotografias pessoais expostas, nem moedas soltas espalhadas sobre a cómoda. Eve viu uma Bíblia, um rosário preto e prateado e um candeeiro na mesa de cabeceira, um pente e um *link* de bolso sobre a cómoda.

— Isto explica que ele não tivesse um *link* consigo — comentou Peabody. — Não devem levá-los, quando vão para a missa. — Voltou-se, e as atrevidas pontas reviradas do seu cabelo dançaram. — Bem, parece que isto não vai demorar muito, já que ele tinha pouca coisa.

— Dá uma vista de olhos aos outros quartos. Só uma espreitadela da porta. Vê se são como este.

Quando Peabody saiu, Eve abriu uma gaveta da cómoda com a mão selada. Boxers brancos, camisolas interiores brancas, meias brancas, meias pretas. Eve remexeu a gaveta, não encontrou mais nada. Noutra gaveta estavam guardadas *t-shirts*. Brancas, pretas, cinzentas, algumas com logotipos de equipas à frente.

— Os outros têm mais coisas — comunicou Peabody. — Fotografias, tralha de homens.

— Define «tralha de homens» — disse Eve, abrindo a gaveta do fundo.

— Bola de golfe em exposição num *tee*, pilha de discos, um par de luvas de boxe, esse tipo de coisa.

— Verifica o roupeiro deste quarto. — Eve puxou a gaveta de baixo até ao limite, inspecionou o fundo, a parte de trás.

— Roupa de padre, dois conjuntos com calças, e um daqueles hábitos. Um par de sapatos pretos, que parece bastante usado, dois pares de ténis, um par em bastante mau estado. Agora a prateleira... — Peabody fez uma pausa, remexendo a roupa. — Roupa de inverno. Duas camisolas de lã, duas de algodão, uma camisola de desporto com capuz... dos Knicks.

Depois de ver todas as gavetas, parte de trás, fundo e lados, Eve afastou a pequena cómoda da parede, espreitou atrás do espelho.

Com a ajuda de Peabody, inspecionou a secretária. Encontraram uma agenda, alguns cubos de mensagens, um conjunto de brochuras do centro de jovens, o calendário dos Yankees e o dos Knicks.

Eve procurou os últimos registos na agenda.

— Vigília Ortiz, sala de velórios, noite passada. Jogo dos Yankees na quarta-feira. Vamos ver se alguém foi com ele. Tem marcado PSC, preciso de descobrir o que isto é, de domingo a uma semana, às duas horas. Estão aqui alguns jogos e sessões no centro de jovens. Aconselhamento Pré-C. Precisamos de saber o significado disto. Duas situações destas, na passada segunda-feira e terça-feira. Estão aqui os nomes de quem estava a aconselhar. Temos de os verificar. O funeral também está aqui indicado. Uma aula extra na St. Cristóbal sexta-feira, um batismo de sábado a oito dias. Tudo relacionado com o trabalho de padre, à exceção dos Yankees.

Colocou a agenda num saco de provas.

— Vê o que há no *link* — disse a Peabody, depois começou a inspecionar a pequena mesa de cabeceira.

Folheou a Bíblia, encontrou algumas imagens de santos. Na Carta aos Hebreus, leu uma linha sublinhada: E foi assim que, tendo esperado com paciência, ele alcançou o que Deus lhe havia prometido. E em Provérbios: Possuo bens e honra, riqueza e prosperidade duradouras.

Interessante. Colocou também a Bíblia num saco de provas. Na gaveta estavam mais alguns folhetos da comunidade, e um jogo eletrónico. E por trás da gaveta, Eve encontrou uma medalha de prata presa com fita-cola.

— Ora, ora. O que levará um padre a esconder uma medalha religiosa por trás duma gaveta?

Peabody interrompeu a sua tarefa.

— Que tipo de medalha?

— É uma mulher, com um daqueles mantos, os dedos entrelaçados, e parece estar numa espécie de almofada, com uma criança pequena a segurá-la.

— Deve ser a Virgem Maria, com o Menino Jesus. E tens razão, sítio estranho para uma medalha.

Cuidadosamente, Eve puxou a fita-cola, virou a medalha na sua mão. «*Lino, Que La Virgen de Guadalupe te proteja sempre — Mama. 12 de maio de 2031.*»

— A Rosa disse que achava que os pais dele tinham morrido quando ele era rapaz. Nessa altura, devia ter seis anos — observou Peabody. — Talvez «Lino» seja uma alcunha, um nome afetuosos em espanhol...

— Talvez. Mas porquê prendê-la com fita-cola na parte de trás de uma gaveta, em vez de a usar, ou de a guardar *dentro* da gaveta? Os padres não podem usar joias? — perguntou-se Eve.

— Não devem usar correntes ou anéis espalhafatosos, mas já os vi usar cruzeiros e medalhas. — Para ver melhor, Peabody agachou-se junto de Eve. — Coisas como essa.

— Pois, pois. Então, porque estava isto escondido? Escondemos algo quando não queremos que os outros o vejam, e escondemo-lo perto de nós quando queremos vê-lo em privado de tempos a tempos. Esta medalha era importante para ele. Quer fosse sua, de um amigo ou parente, quer a tivesse comprado numa loja de artigos em segunda mão, isto tinha valor para ele. Parece ser prata — murmurou —, mas não está manchada. É preciso polir a prata para a manter brilhante.

Depois de a observar novamente, pôs a medalha num saco.

— Vamos tentar descobrir de onde veio. E o *link*?

— Transmissões de e para Roberto Ortiz, que é o filho mais velho do falecido Sr. Ortiz. Algumas de e para o centro de jovens, e a mais antiga, da semana passada, para o Pe. Freeman.

— Bem, temos de ver e escutar. Vamos chamar os técnicos forenses, para darem uma vista de olhos, depois quero este quarto selado.

Pensou nas duas passagens sublinhadas, e perguntou-se que riquezas e honras esperaria Flores receber.

C A P Í T U L O 2



Era um longo trajeto de Spanish Harlem a Lower West Side e à Central de Polícia. Longo o bastante para Peabody fazer uma primeira pesquisa sobre Miguel Flores, e recitar os dados mais relevantes, enquanto Eve tentava vencer o trânsito, atravessando uma boa parte do comprimento e da largura de Manhattan.

— Miguel Ernesto Flores — leu Peabody do seu minicomputador portátil. — Nascido a 6 de fevereiro de 2025 em Taos, Novo México. Os pais, Anna Santiago Flores e Constantine Flores, foram ambos mortos quando a sua mercearia foi assaltada, no verão de 2027. A mãe estava grávida de sete meses.

— Apanharam-nos?

— Apanharam-nos. Dois tipos, acabados de fazer dezoito anos, e estão ambos em prisão perpétua. Sem possibilidade de liberdade condicional. O Flores ficou à guarda do Estado.

— A inscrição dizia 2031, e a mãe dele tinha morrido quatro anos antes. Então, quem é a *Mama*?

— Talvez mãe adotiva?

— Talvez.

— Escola básica pública, mas ensino secundário e superior em instituições privadas católicas.

— Privadas? — interrompeu-a Eve, e depois barafustou quando um Rapid Cab lhe impediu a passagem. — É preciso ter massa.

— Pois. Talvez uma bolsa? Vou investigar. Entrou no seminário logo

que saiu da faculdade, passou vários anos a trabalhar e a viver no México. Tem dupla nacionalidade. Foi transferido para St. Cristóbal em novembro de 2054. Hum, mas há aqui um lapso de tempo. A sua última colocação foi numa missão em Juarez até junho de 2053.

— Então, onde esteve o Flores durante mais de um ano, e o que andou a fazer? Devia ter um chefe, como o López. Um sacerdote, ou lá o que fosse. Vamos descobrir. Algum divertimento juvenil da variedade criminosa?

— Nenhuma referência aqui, e nada indica que haja um registo selado.

— Ensino privado católico só pode ser caro. A não ser que ele tivesse uma bolsa, e que isso cobrisse a maior parte das despesas, como conseguiria pagar os estudos? De onde vinha o dinheiro? Vamos ter de aprofundar a pesquisa.

Eve franziu o sobrolho ao desviar-se de um maxiautocarro.

— A vítima tinha uma unidade de pulso barata, e menos de quarenta dólares na carteira. Quem paga a estes tipos? Eles são pagos? Ele tem um documento de identificação comum, e não encontramos cartão de crédito ou débito, nem carta de condução. Uma cruz de prata.

— Se calhar, é o Papa que lhes paga. — A cara quadrangular de Peabody ficou pensativa. — Não diretamente, mas ele é o mandachuva, por isso talvez o dinheiro venha da sua parte. Quero dizer, eles devem ganhar alguma coisa. Têm de viver, comprar comida, roupa, pagar transportes.

— Menos de quarenta dólares no corpo, dinheiro nenhum no quarto. Temos de procurar contas bancárias. — Eve tamborilou com os dedos no volante. — Vamos passar pela morgue, ver se o Morris já apurou a causa da morte.

— Se foi veneno, não acredito que ele tenha posto fim à vida. Além disso — continuou Peabody —, sei que os católicos são contra o suicídio, por isso não faz sentido um padre acabar consigo.

— Seria bastante duro fazê-lo numa igreja cheia de gente, durante um funeral — comentou Eve. — Ou... irónico. Mas não, não bate certo. Segundo as testemunhas, ele estava a celebrar a missa como era suposto. Procedimento normal. Se um tipo quer beber vinho envenenado, mesmo que esteja mortinho, ah, ah, por despachar o assunto, há de deixar transparecer algum nervosismo, alguma hesitação. Um breve momento de *Vamos lá, isto não custa nada*. Seja o que for.

— Talvez ele não fosse um alvo específico. Se calhar, quem pôs veneno no vinho só queria matar um padre. Como uma vingança religiosa.

— Não estava no vinho para a missa da manhã, e estava, se é que estava, para o funeral. Talvez alguém tenha entrado na igreja, forçado aquela caixa e deitado o veneno no vinho sem saber quem seria o primeiro a beber. Mas acho que o Flores era o alvo.

Ainda assim, Eve guardaria o seu palpite até Morris se pronunciar.

Sob o ar frio e artificial, a morte espreitava — deusa de todos os ladrões. Não havia filtragem, isolamento ou limpeza capaz de banir o odor insidiosamente doce e humano. Acostumada ao cheiro, Eve serpenteou através dos corredores brancos, cruamente iluminados, da morgue — pensou brevemente em tirar uma *Pepsi* da máquina de venda automática para subir o seu nível de cafeína — e empurrou uma das portas de uma sala de autópsia.

Admirou-se ao ser imediatamente assaltada pelo perfume romântico de rosas. As flores, vermelhas como sangue fresco, estavam sobre uma das mesas rolantes onde habitualmente se encontravam os cruéis utensílios do trabalho que ali se fazia. Eve observou a pequena floresta, e perguntou-se se o cadáver nu ali estendido apreciaria a elegância das flores.

Elegante, também, era o homem que cantarolava a acompanhar a música coral que pairava no ar com cheiro a rosas e a morte. Nesse dia, o médico-legista-chefe Morris estava vestido de preto, mas o seu fato costurado por medida nada tinha de macabro ou funesto. A *t-shirt* de um azul-relâmpago — provavelmente seda — dava graça ao conjunto, supunha Eve. Morris trazia um botão de rosa vermelho preso à lapela, e fios vermelhos e azuis a enfeitar o seu longo rabo de cavalo.

O equipamento protetor transparente não lhe diminuía o estilo, e quando ele pousou os seus olhos exóticos nela e sorriu, Eve teve de admitir que o conjunto se tornara ainda mais encantador.

— Belas flores — comentou.

— É verdade. Uma lembrança duma amiga. Decidi trazê-las para cá. Dão um toque de classe ao sítio, não acham?

— São lindas. — Peabody aproximou-se, cheirou-as. — Caramba, devem ser umas duas dúzias. Que lembrança!

Peabody estava obviamente a tentar sacar mais informação, mas Morris limitou-se a sorrir.

— Ela é uma boa amiga. Já devia ter trazido flores para aqui antes. Afinal, é tradição dar flores aos mortos.

— E porquê?

— Julgo que simbolizam a ressurreição, uma espécie de renascer. Uma ideia — continuou Morris — que a tua atual vítima havia de apreciar. Juntamente com a música, espero eu. *Requiem*, de Mozart.

— Pois. — Eve olhou para Flores e achou pouco provável que ele apreciasse o que quer que fosse, estando morto, numa mesa de autópsia, e aberto por um delicado e eficaz corte em Y, às mãos de Morris. — Como é que ele veio aqui parar?

— O caminho é longo e tortuoso. Mas o dele terminou com veneno no vinho e na hóstia.

— Cianeto.

Morris inclinou a cabeça.

— Cianeto de potássio, para sermos exatos. Dissolve-se rapidamente em líquido, e a dose foi letal. Suficiente, na verdade, para matar um rinoceronte. Ainda não terminei de o examinar, mas, tirando o facto de estar morto, parece um cadáver muito saudável. Tinha saúde para dar e vender.

— Desculpa?

— É um dito popular. Os ferimentos resultaram da queda. Comeu cereais, banana reidratada, iogurte e café de soja cerca de três horas antes da morte. Durante a puberdade, sofreu uma fratura do rádio, braço esquerdo, da qual recuperou bem. Parto do princípio de que ele praticava... religiosamente, digamos assim... desporto.

— Bate certo com a informação que temos.

— E poderá explicar um certo desgaste nas articulações, mas não me esclarece em relação às cicatrizes.

— Que cicatrizes?

Morris fez-lhe sinal com o dedo para se aproximar, e deu-lhe um par de micro-óculos.

— Começemos por aqui. — Ajustou a câmara, para que Peabody pudesse observar no ecrã do computador, e debruçou-se com Eve sobre Flores.

— Aqui, entre a quarta e a quinta costelas. É muito ténue, e julgo que alguém tentou dissimular a cicatriz com *Nu Skin* ou algo semelhante. O *Nu Skin* não ajuda a costela propriamente dita, que fica com a sua cicatriz. Repara.

Atrás deles, Peabody fez um som de gorgolejo quando Morris expôs a caixa torácica.

Eve observou a costela através das lentes.

— Ferimento de faca.

— Sim. E há um segundo aqui. — Indicou uma cicatriz quase impercetível na zona superior do peito, do lado direito. — Vou fazer exames, mas a minha opinião extremamente informada é que a primeira ferida tem não menos de cinco e não mais de dez anos, e que a segunda ferida tem entre dez e quinze anos. E aqui, no antebraço esquerdo. Mais uma vez, dificilmente seria visível a olho nu. Um bom trabalho.

— Isso não foi um ferimento — murmurou Eve, observando o padrão esbatido na pele. — Foi a remoção de uma tatuagem.

— Minha aluna brilhante. — Morris deu-lhe uma palmadinha rápida nas costas. — Vou enviar uma cópia da imagem melhorada para o laboratório. Devem conseguir recriar a imagem que o teu padre tinha no braço. Agora um pormenor realmente interessante. Ele fez uma cirurgia plástica à cara.

Eve levantou a cabeça, e os seus olhos ampliados encontraram os de Morris.

— Que tipo de cirurgia?

— Uma intervenção completa, acho eu. Mas, mais uma vez, ainda não terminei. Posso dizer-te que foi um trabalho de qualidade, e que trabalho facial de qualidade é muito caro. Julgaríamos, à partida, que estaria fora do alcance de um servo de Deus.

— Julgaríamos, sim. — Devagar, Eve tirou os micro-óculos. — Há quanto tempo foi isso?

— Terei de fazer a minha magia para saber ao certo, mas diria que foi na mesma altura em que a tatuagem foi removida.

— Um padre com tatuagens que se mete em lutas de facas. — Eve pousou os óculos sob a floresta de rosas vermelhas. — Que aparece aqui há cerca de seis anos com uma cara nova. Sim, é muito interessante.

— Quem tem empregos como os nossos, Dallas? — Morris sorriu-lhe de orelha a orelha. — Uns sortudos, não somos?

— Bem, somos bastante mais sortudos do que aqui o Pe. Morto.

— Não podes deixar de te perguntar quem foi — disse Peabody enquanto percorriam o túnel branco, dirigindo-se para a saída.

— Claro que me pergunto quem foi. Pagam-me para isso.

— Não, bem, sim, mas estava a falar das rosas. Quem ofereceria todas aquelas rosas ao Morris, e porquê?

— Caramba, Peabody, o porquê é óbvio. Nem acredito que te treinei para inspetora. O porquê é: Obrigada pelas quecas de perder o juízo.

— Não tem de ser isso — retorquiu Peabody, ligeiramente irritada. — Pode ser um gesto de agradecimento por ele a ter ajudado na mudança de casa.

— Um gesto de agradecimento por carregar mobília seria uma caixa de cerveja. Uma data de rosas vermelhas tem que ver com sexo. Sexo muito bom e em quantidade.

— Eu e o McNab temos muito bom sexo, e em quantidade, e *eu* não recebo daqueles ramos de rosas vermelhas.

— Vocês vivem juntos. Isso põe o sexo na lista de tarefas.

— Aposto que o Roarke te compra flores — resmungou Peabody.

Comprava? Havia sempre flores por toda a casa. Seriam para ela? Devia elogiá-las? Retribuir o gesto? Caramba, porque havia de estar a pensar naquilo?

— E se queres saber quem, a resposta é, provavelmente, a beldade sulista de peito proeminente a quem ele se tem andado a atirar. Agora que o mistério está resolvido, podemos dedicar alguns minutos a pensar no tipo morto que deixámos ali dentro.

— A inspetora Coltraine? Ela chegou a Nova Iorque ainda não há um ano. Como pode ficar com o Morris?

— Peabody.

— Se alguém vai ficar com o Morris, devia ser uma de nós. Não exatamente *nós*, porque somos comprometidas. — Os olhos castanhos de Peabody fervilhavam com a ideia ofensiva. — Mas uma de nós que já cá esteja há mais de cinco malditos minutos.

— Se não podes comê-lo, porque queres saber quem o faz?

— Tu também queres saber — sussurrou Peabody, deixando-se cair no banco do passageiro. — Sabes que queres.

Talvez um pouco, disse Eve para consigo, mas não tinha de o admitir.

— Será que podes dar a tua atenção a um padre morto?

— Sim, sim — disse Peabody, com um suspiro profundo e pesaroso.

— Bem, a tatuagem não é necessariamente algo de estranho. As pessoas fazem tatuagens e mudam de ideias a toda a hora. É por isso que as temporárias são uma ideia melhor. Ele pode tê-la feito quando era mais novo, e depois ter decidido que não era, sei lá, adequada ao seu estatuto.

— Ferimentos de facas.

— Às vezes, os padres e outros religiosos vão a zonas problemáticas,

e veem-se metidos em situações complicadas. Ele pode ter sido esfaqueado ao tentar ajudar alguém. E a cicatriz mais antiga pode ter sido feita na sua juventude, antes de ele se tornar padre.

— Dou-te o benefício da dúvida nessas duas — disse Eve, já a caminho da Central. — Plástica à cara.

— Essa é mais difícil. Mas talvez ele tenha ficado desfigurado, num acidente de carro, por exemplo, e a Igreja, ou algum membro da Igreja, tenha pagado a reconstrução.

— Vamos ver o processo clínico dele.

— Mas não acreditas.

— Nem um bocadinho, Peabody.

No seu gabinete na Central de Polícia, Eve escreveu o relatório inicial e abriu o ficheiro sobre o crime. Preparou um quadro e afixou uma cópia da fotografia de Flores no centro. E passou os minutos seguintes só a olhar para a imagem.

Não tinha família. Não tinha cadastro. Não tinha pertences valiosos.

O envenenamento em público, refletiu, podia ser visto como uma espécie de execução. O simbolismo religioso não podia ser excluído. Fora deliberado, de uma forma demasiado óbvia. Uma execução religiosa?

Eve tornou a sentar-se e começou a estabelecer a sequência dos acontecimentos, baseando-se nas declarações de testemunhas e na agenda de López.

5h00: Levanta-se. Oração da manhã e meditação. (No quarto.)

5h15: Toma duche, veste-se.

5h40 (aprox.): Vai com López da reitoria para a igreja.

6h00-6h35: Dá assistência a López na missa da manhã. Tem acesso ao vinho e às bolachas — riscar — às hóstias da Comunhão.

6h30 (aprox.): Rosa O'Donnell chega à — destrancada — reitoria.

6h45 (aprox.): Vai com López da igreja para a reitoria.

7h00-8h00: Toma pequeno-almoço com López, preparado por Rosa O'Donnell.

8h00-8h30: Vai para o escritório partilhado rever sermões, etc. para funeral.

8h30: Roberto e Madda Ortiz chegam à igreja com pessoal da agência funerária e com corpo de Ortiz.

8h40: Volta à igreja com López para cumprimentar família e ajudar na disposição das flores.

9h00: Vai para antecâmara (onde está tabernáculo) vestir-se para a missa.

9h30: Dá início à missa.

10h15: Bebe vinho envenenado.

O que dava ao assassino das 5h40 às 6h30 para entrar na reitoria e roubar a chave da caixa, e das 7h00 às 9h00 para envenenar o vinho. Entre as 7h00 e as 9h00 podia ter voltado à reitoria para devolver a chave.

Eram intervalos grandes, refletiu Eve, especialmente se o assassino fosse membro da igreja e as pessoas estivessem acostumadas a vê-lo por ali.

Mesmo sem a chave, manipular a fechadura da caixa teria sido ridiculamente simples se o assassino tivesse um mínimo de talento. Aceder à chave seria quase tão ridiculamente simples, em particular se o assassino conhecesse a sua localização, assim como as rotinas da igreja e da reitoria.

O como não era o problema, embora ajudasse, certamente, a pôr o assassino atrás das grades. O porquê é que era a questão. E o porquê estava ligado a Miguel Flores.

Eve pegou nas fotografias da medalha, frente e verso.

A medalha era importante para ele. Suficientemente importante para Flores a esconder, e para a guardar por perto, onde pudesse tocar-lhe e vê-la quando quisesse. Fita-cola recente, refletiu Eve, mas com vestígios de cola mais antigos no fundo da gaveta. Já tinha a medalha havia algum tempo, mas fora buscá-la muito recentemente.

Eve leu de novo a inscrição.

Quem era Lino?

Um nome próprio espanhol, descobriu, depois de pesquisar rapidamente «Linus». Também significava «linho», mas Eve duvidava de que isso interessasse para o caso.

Segundo os dados biográficos, a mãe de Flores morrera em 2027, pelo que a *mama* da medalha não podia ser Anna Flores. Um nome espanhol, uma designação espanhola para a imagem, mas o resto em inglês. Uma cultura mista, pensou Eve. Raízes latinas, solo americano? Isso também se aplicava a Flores.

Teria Lino sido um amigo, outro padre, um amante? Flores devia ter seis anos quando a inscrição fora gravada. Um órfão, às voltas no sistema. Eve sabia bem o que isso era.

Talvez não soubesse o que era criar laços estreitos e duradouros enquanto se andava às voltas no sistema, mas outras pessoas tinham experiências diferentes. Talvez Flores tivesse feito um amigo, e guardado a medalha em memória dessa ligação.

Então, porquê escondê-la?

Nunca fora adotado, mas recebera uma educação através da Igreja. Teria Lino sido a pessoa a interessar-se por ele, a contribuir para os seus estudos?

Eve voltou-se de novo para o computador e começou a investigar Miguel Flores.

Peabody entrou, abriu a boca para falar.

— Excelente sentido de oportunidade — disse Eve, sem desviar os olhos do ecrã. — Parece que a minha chávena de café está vazia.

Com um revirar de olhos, Peabody pegou na chávena, dirigiu-se para o AutoChef e programou um café.

— É uma dor de cabeça obter informações médicas do México. Não têm registo de tratamento de um ferimento causado por uma faca, nem de qualquer cirurgia plástica. Depois de muito trabalho heroico e persistente, razão pela qual também estou a tirar café para mim, consegui aceder aos dados médicos dos anos em que o Flores lá viveu. Também não há qualquer registo de um ou outro tratamento aqui.

Eve recostou-se na cadeira, pegou na chávena de café.

— O que é que aparece nos registos do México?

— Procedimentos básicos. Consultas anuais de rotina, correções da visão, consultas semestrais de dentista, tratamento de uma virose do estômago e de um corte na mão. Nada de especial.

— Hum-hum. E durante os cinco anos em Nova Iorque?

— Não há grande diferença. Consultas de rotina, blá-blá, dois tratamentos de entorses, outro para um dedo deslocado, outro para um joelho magoado.

— Lesões relacionadas com desporto. — Eve refletiu, tamborilando na secretária. — Engraçado, ele não sofreu esse tipo de lesões ou tratamentos quando estava no México. Arranja-me os registos dentários do México.

— Oh, céus! Fazes ideia da burocracia que vou apanhar pela frente? Além disso, ele mudou-se um par de vezes, o que significa mais de um

dentista, e eles são todos *católicos*, e a Igreja exerce a sua influência, acredita. Porque é que...

Peabody demorava algum tempo, pensou Eve, mas normalmente conseguia lá chegar.

— Não achas que o tipo morto seja o Miguel Flores.

— Acho que o tipo morto se chamava Lino.

— Mas... isso quer dizer que ele talvez nem fosse padre, e andava para ali a dar a missa, e a casar pessoas, a fazer funerais.

— Talvez Deus o tenha castigado por isso. Caso encerrado. Prendemos Deus antes do fim do turno. Quero os registos dentários do México, e os de Nova Iorque.

— Tenho quase a certeza de que isso de prender Deus é blasfémia. — Pensativa, Peabody bebeu mais um gole de café. — Porque iria alguém fingir ser padre? Não se pode ter *coisas*, nem sexo. E tem de se conhecer as regras todas. Acho que há um monte de regras.

— Talvez ele fosse rápido a aprender. Talvez achasse que valia a pena. Talvez ele *seja* o Miguel Flores. Vamos arranjar os registos dentários e descobrir.

Quando Peabody saiu apressadamente, Eve girou na sua cadeira e olhou para a fotografia no seu quadro.

— Mas não és, pois não, Lino?

Pegou no seu *link* e fez também algumas chamadas para o México.

Precisou de vinte minutos, e ficou com uma dor de cabeça de irritação, mas conseguiu finalmente ser atendida por alguém que não só falava um inglês fluente, como conheceu pessoalmente Miguel Flores.

Era um homem muito idoso, com duas estradas de cabelo branco a rodear-lhe os lados da cabeça calva e manchada pelo sol. O colarinho branco ficava-lhe largo no pescoço magro, engelhado. Os olhos, de um castanho turvo, semicerraram-se ao pousar nela.

— Pe. Rodriguez — começou Eve.

— Como? Como?

— Pe. Rodriguez — repetiu ela, aumentando o volume no *link*.

— Sim, sim, ouço-a perfeitamente. Não precisa de gritar!

— Desculpe. Tenente Dallas, NYPSD.

— Em que posso ajudá-la, tenente Ballast?

— Dallas. — Eve pronunciou as sílabas claramente. — Conhecia um padre chamado Miguel Flores?

— Quem? Fale mais alto!

Oh, Deus.

— Miguel Flores. Conhecia-o?

— Sim, conheço o Miguel. Ele esteve aqui, na Missão de San Sebastian, quando eu ainda era sacerdote. Antes de me reformarem. Ora diga-me, Irmã Ballast, como pode um padre reformar-se? Somos chamados a servir Deus. Pois eu não continuo capaz de servir Deus?

Eve sentiu um músculo tremer-lhe por baixo do olho.

— Tenente. Sou polícia em Nova Iorque. Pode dizer-me quando viu Miguel Flores pela última vez?

— Quando ele meteu na cabeça que precisava de um ano, ou mais, para viajar, para explorar a sua fé, para perceber se o seu chamamento era genuíno. Disparate! — Rodriguez bateu com a mão ossuda no braço do que parecia ser uma cadeira de rodas. — O rapaz nasceu padre. Mas o bispo deu-lhe licença, e lá foi ele.

— Isso terá sido há uns sete anos?

Os olhos de Rodriguez perderam-se no vazio.

— Os anos vêm e vão.

Estou a perder o meu tempo, pensou Eve, mas não desistiu.

— Vou transmitir uma fotografia.

— Porque havia eu de querer a sua fotografia?

— Não, não é *minha*. — Haveria algum santo a quem pedir paciência para chegar ao fim daquela entrevista sem gritar? — Vou partilhar uma fotografia. Vai aparecer no ecrã. Pode dizer-me se este é o Miguel Flores?

Deu ordem para a transmissão, e viu os olhos de Rodriguez estreitarem-se em duas fendas enrugadas, enquanto o nariz dele quase tocava o ecrã.

— Talvez seja. A fotografia não é nítida.

Apenas nítida como vidro, pensou Eve.

— Sabe indicar-me mais alguém que tenha conhecido o Flores?

— Não lhe disse já que o conheço?

— Disse, sim. — Eve fechou a fotografia, respirou fundo. — Teve notícias dele, do Flores, desde que ele partiu para as suas viagens?

— Licença sabática — disse o padre, com desprezo. — Mandaram para cá o Pe. Albano, para o substituir. Sempre atrasado, esse. A pontualidade é um sinal de respeito, não é verdade?

— O Flores. Teve notícias do Miguel Flores desde que ele partiu?

— Ele não voltou, pois não? — disse Rodriguez, num tom amargo.

— Escreveu-me uma ou duas vezes. Talvez mais. Do Novo México. Ele era de lá. Do Texas, ou do Nevada, acho eu. E de outro sítio qualquer. Depois veio uma carta do bispo. O Miguel pediu transferência para uma paróquia em Nova Iorque, e o pedido foi aceite.

— Pode dizer-me o nome do bispo que autorizou a transferência?

— Quem?

Eve repetiu, devagar, aumentando mais uma vez o volume.

— O bispo Sanchez. Ou pode ter sido o bispo Valdez.

— Tem as cartas? As cartas que o Flores lhe escreveu?

— Não. — Rodriguez franziu o sobrolho, ou assim pareceu a Eve. Era difícil perceber. — Recebi um postal. Será que o guardei? Do Alamo. Ou... talvez tenha sido do Pe. Silvia.

Um dia, lembrou Eve a si própria, um dia seria tão velha e irritante como Rodriguez. E havia de enfiar a arma na boca e de acabar com o problema.

— Se o encontrar e for do Flores, agradecia que me enviasse o postal. Eu devolvo-lho. Vou enviar-lhe o meu contacto por mensagem escrita.

— Porque havia eu de lhe enviar um postal?

— Estou a investigar a morte de um padre identificado como Miguel Flores.

Os olhos escuros de Rodriguez ficaram, de repente, um pouco menos turvos.

— O Miguel? O Miguel morreu?

— Um homem identificado como Miguel Flores morreu esta manhã.

O velhote baixou a cabeça, e murmurou em espanhol o que Eve calculou ser uma oração.

— Lamento a sua perda.

— Ele era jovem, cheio de vida. Um homem inteligente que se questionava com frequência. Talvez com demasiada frequência. Como foi que ele morreu?

— Foi assassinado.

Rodriguez fez o sinal da cruz, depois fechou a mão sobre o crucifixo que trazia ao peito.

— Então agora está com Deus.

— Pe. Rodriguez, sabe se o Flores tinha uma medalha de prata, com a Virgem de Guadalupe?

— Não me lembro. Mas lembro-me de que ele trazia sempre um

pequeno medalhão de Santa Anna, como homenagem à sua mãe, que morreu quando ele era criança.

— O Flores conhecia ou tinha alguma ligação a alguém com o nome de Lino?

— Lino? Não é um nome invulgar aqui. É possível.

— Obrigada, padre. — *Agora estás a andar em círculos*, disse Eve a si própria. — Agradeço o seu tempo.

— O jovem Miguel foi ter com Deus — murmurou ele. — Tenho de escrever ao monsenhor Quilby.

— Quem é Quilby?

— O tutor do Miguel. O seu mentor, digamos assim. Ele tem de saber... Oh, mas ele morreu. Sim, já há muito tempo. Então não há ninguém a quem dizer.

— Onde é que o Miguel conheceu o monsenhor Quilby?

— No Novo México, quando era rapaz. O monsenhor certificou-se de que o Miguel tinha uma boa educação e encaminhou-o para o sacerdócio. Era o pai espiritual do Miguel. O Miguel falava muitas vezes nele, e tencionava visitá-lo durante as suas viagens.

— Ele ainda estava vivo quando o Flores tirou a sua sabática?

— Sim, mas às portas da morte. Esse foi um dos motivos para o Miguel partir, e um dos motivos da sua crise de fé. Tenho de ir rezar pelas almas dos dois.

Rodriguez pôs fim à transmissão de um modo tão abrupto que Eve se limitou a pestanejar.

Carta do Novo México, pai espiritual a morrer no Novo México. Era mais que certo que Flores visitara Quilby durante a sua licença.

Então, questionou-se Eve, para onde vão os padres morrer?